

Ao Ex.º Sr. Roque Gamero
off.º



AO CONDE DE MONSARAZ

I

Era um senhor feudal. Braço e peito de bronze.
Não pudera irmanar-se aos Doze de Inglaterra
Porque impossível fôra eguaes haver mais onze.

Ao brandir do montante estremecia a terra,
E o seu nome temido echoava em toda a parte
Como se fôra o deus propiciador da guerra.

Mas havia-lhe, em moço, o Amor, com tanta arte,
Vencido o coração colhendo-o de surpresa,
Que um dia Venus pôde escarnecer de Marte.

E então o voto fez da vida e da belleza
Da filha, que nasceu d'esses pueris amores,
A quem o equalasse em força e em destreza.

A alguém que se estremasse entre os mais lidadores,
E que em si revivesse a imagem, traço a traço,
Do Magriço ou do Cid e dos seus campeadores.

Mas um só braço havia assim como o seu braço,
Só outro arnez tão firme e outro escudo tão forte,
Um outro peito só com tal rijeza d'aço.

Eram d'um moço esbelto e soberbo de porte
Que bastas vezes viera, em reforço do velho,
Decidir da refrega a duvidosa sorte.

No arrojo e no valor, no juizo e no conselho,
Via n'elle o melhor, o mais leal companheiro,
Via n'elle o seu par, via n'elle o seu espelho.

De sua propria mão o armara cavalleiro;
Ia dar-lhe, porém, uma outra recompensa
Como premio maior ao esforço do guerreiro.

Pois valia bem mais que a mais rendosa tença
A sua filha gentil que o moço estremecia
Com todo o vivo ardor d'uma paixão immensa.

Mas ella não o amava. E dissera-lh'o um dia
Sem hesitar sequer, como quem lhe vibrara
O golpe d'um punhal ou d'uma espada fria.

Costumado a fitar a morte, cara a cara,
Elle sentira então fugir-lhe de repente
Com a esperança e o amor, a ousadia rara.

Em pleno coração ferira-o rudemente.
—E' meu pae e senhor: tudo manda e governa,
Disse ella. E' para mim um deus omnipotente.

Seja feita, portanto, a vontade paterna!
Tereis em mim a esposa, humilde como escrava,
Nunca a mulher amante, a noiva meiga e terna.

Com seus rudes peões, seus troços de besteiros,
Mais de um grande senhor, de sangue real nas veias,
Accorrera tambem com seus pagens volteiros.

Da ponte levadiça ás rendadas ameias,
Luziam os gorjaes, resoavam os montantes,
Transbordavam de gente as vastas quadras cheias.

Sob as gualdrapas d'ouro e os telizes brilhantes
Relinchavam corseis; sobre cada morzello
Fulgiam um arnez e um morrião coruscantes.



Ella não desmentia a raça altiva e brava:
Devia obediencia ao castellão provector
Mas não devia amor ao que ella não amava.
Dar-lhe-ia, pois, a mão sem dar-lhe o seu affecto.

Nunca uma festa igual houvera no castello!
Com seu rico gibão de estofo abrocadado
Dir-se-ia o castellão mais joven e mais bello,
Ao conduzir os dois ao altar do noivado.

II

O dia alvoreceu do ajustado consorcio.
Chegavam sem cessar de longinquas paragens
Fidalgos d'alta estirpe e de jaez mavorcio.

Vinham alli render-lhes preito e homenagens,
Entre o clero e o povo, esbeltos cavalleiros
De ostentosos brazões e de inclitas linhagens.

III

Cahira a noite, emfim. Junto ao doirado leito,
No aposento nupcial do castello roqueiro,
Tentara o moço em vão cingir a noiva ao peito.

Não tivera outro amor mais que esse amor primeiro,
Repetia o mancebo, e por salvar-lhe a vida
Dera da vida propria o alento derradeiro.



Pois só por tanto a amar, sem perdão nem guarida,
Quantas vezes batera em seu reducto o mouro
Rechacando-o glorioso a cada arremettida!

Mas ella replicava:—E que negro desdouro
Não iria arrastar no opprobrio o nome e a fama,
Se não fizesse tal quem usa esporas d'ouro?

Quem não defende a vida e a honra da sua dama?
Para amar-vos exijo eu prova que consista
N'um martyrio que valha a morte de quem ama.

Não me torneis a vêr. Que eu nem saiba que exista
D'esses olhos a luz. Jurae! Perto ou distante,
Que eu nunca mais os veja ou d'elles seja vista!

—Juro-o por minha fé! E no olhar faiscante
O unico fulgor de esperança que lhe resta,
N'um rutilo clarão, scintilla n'esse instante.

—Eu saberei cumprir a promessa funesta.
Não mais vos hei-de vêr! Mas fazei-me outra jura,
Vós que tornaes em lucto o que era riso e festa.

Em troca d'essa prova atrocissima e dura,
Jurae-me o vosso amor, e em vossa linda fronte
E em vosso airoso corpo eu acharei ventura.

Jurou, sem comprehender. A levadiça ponte
Elle em breve transpunha, e rapido e insoffrido
N'um galope febril perdeu-se no horisonte.

Passou tempo. E uma noite affirmam ter ouvido
N'esse mesmo aposento e áquella mesma hora
Triste dizer alguém:—O voto eil-o cumprido!

Foi grande o sacrificio, enorme, foi. Embora!
(E a voz trahia a dôr que sombreava o aspecto)
Não torno mais a vêr-te! Em troca és minha agora.

Perdi a luz do olhar: dá-me a-do teu affecto!
E outra voz respondeu:—Cumpro o meu juramento:
Sou tua para sempre e tua por completo!

Mais uma vez no amor vencera o soffrimento.
Deixando tudo absorto e attonito á passagem,
Fôra visto da noiva entrando no aposento
Um cavalleiro cego ir pela mão d'um pagem.

2-2.º-1904.

ALFREDO DA CUNHA.